

A Globalização e o Mundo Ideologizado

Nildo Viana

Já foram escritos diversos livros sobre globalização. Apesar disso, ainda paira uma grande dúvida sobre o que é globalização e quais são suas características. O livro de Alexandre Barbosa, “*O Mundo Globalizado. Política, Sociedade e Economia*”¹ visa responder a estas questões e fornecer uma análise global do fenômeno. Porém, se o objetivo é interessante e revela uma necessidade de ampliar a consciência sobre tal fenômeno, o resultado deixa a desejar, como mostraremos a seguir.

O autor busca explicar o que é a globalização, e afirma que é uma realidade presente, tanto econômica quanto política e cultural, sendo o resultado do aceleração do intercâmbio de mercadorias, capitais, informações, ideias, de diversos países, diminuindo as fronteiras geográficas. Ela se caracteriza pela expansão dos fluxos de informações, em nível mundial; pela aceleração das transações econômicas, em nível internacional, e pela difusão mundial de valores políticos e morais universais. A internet permite acesso a notícias de todo o mundo em tempo real, as mercadorias se tornam internacionais, determinadas empresas produzem mercadorias em outras nações (Nokia, Nike, entre outras), o turismo internacional e migração aumentaram, além de fusões e aquisições de diversas empresas. A globalização atinge tudo, o mundo da cultura e dos esportes, os direitos humanos e os movimentos sociais.

Esse primeiro aspecto é bastante problemático. Na verdade, não ultrapassa o mundo da pseudoconcreticidade, da aparência, das mudanças superficiais. Se a globalização é isso, então ela é nada, pois desde o surgimento do capitalismo se amplia a velocidade das trocas comerciais, informacionais, entre outras e desde o final da Segunda Guerra Mundial já era em nível elevado, inclusive a produção de mercadorias em outros países data dessa época, que é marcado pela expansão do capital oligopolista transnacional. Nessa época, a expansão da televisão cumpriu papel análogo a expansão da internet hoje. A globalização atinge tudo, mas o que é definido como globalização é apenas consequência do capitalismo e em sua percepção superficial. Falta realmente mostrar o que de novo há no capitalismo e o que justificaria chamar isso de

¹ BARBOSA, Alexandre. *O Mundo Globalizado. Política, Sociedade e Economia*. São Paulo, Contexto, 2007.

globalização.

Em relação a outros ideólogos da globalização, o autor tem o mérito de reconhecer que ela “afeta” os países de forma diferente. Essa entidade metafísica, a “globalização”, é desigual. Ela é metafísica por ser algo que aparece como externo, afetando os países de forma diferenciada, esquecendo-se que ela é produto de alguns países. De qualquer forma, a divisão entre países globalizadores e países globalizados poderia ter sido discutida de forma mais profunda, pois apenas observações mais abstratas sobre vantagens e vulnerabilidade não são suficientes para isso. Mais estranha é a afirmação de que os EUA são globalizadores mas se deixam globalizar, com a entrada de multinacionais, o que reduz a discussão sobre globalização, além de transformar a ideologia em verbo. A discussão sobre excluídos da globalização apenas reproduz outra ideologia dominante da atualidade.

Um novo malabarismo ideológico é apresentado na discussão sobre os “antecedentes históricos” da globalização. O autor afirma que existem duas interpretações da globalização e seus antecedentes históricos, alguns afirmam que a globalização realiza uma ruptura histórica e outros diz que ela significa uma continuidade capitalista. O autor se posiciona dizendo que ambas não captam a complexidade da globalização, pois ela seria um processo revolucionário que se desenvolve de forma lenta e progressiva e que não chegou ainda até sua última etapa. Assim, o autor quer englobar as duas concepções acima delimitadas e para isso concebe um “processo revolucionário” que é “lento” e “progressivo”, rompendo com toda ideia de revolução e caindo em contradição. Além disso, confunde antecedente histórico da globalização com continuidade capitalista, pois são ideias opostas. A tese da continuidade capitalista vem justamente para criticar e refutar a ideologia da globalização. Afirmar que as descobertas marítimas, sistema colonial, expansão comercial, revolução industrial, são antecedentes da globalização significa esvaziá-la de qualquer significado.

A nova fase do capitalismo, marcada pela instauração de um novo regime de acumulação (portanto, uma mudança formal no capitalismo), é deixada de lado e em seu lugar acontecimentos e datas mostram apenas o desenvolvimento cronológico e sem nenhuma fundamentação. A queda do Muro de Berlim e a emergência do neoliberalismo que anda junto com a globalização (os vínculos indissolúveis do processo social e histórico são substituídos por elementos classificatórios e arbitrários,

reunidos apenas por ocorrência concomitante e não por sua gênese comum, procedimento metodológico totalmente equivocado).

O autor separa uma suposta “globalização econômica” dos demais aspectos e, nesta, ainda faz outras distinções, em quatro esferas, a comercial, a produtiva, a financeira e a tecnológica. Esses elementos estariam separados na ideologia do autor. O que o autor tenta explicar, por exemplo no caso das “multinacionais” (transnacionais) é o processo de concentração e centralização do capital, já teorizada por Marx no século 19, e a expansão que busca força de trabalho mais barata, o que não é novidade do período da chamada “globalização”. A suposta “globalização política” encontra obstáculos, pois um governo global e o fim do Estado-Nação não se realizou. Curiosa é a insistência do autor em afirmar que há um fortalecimento dos “valores democráticos”, pois se trata de uma época de maior repressão do que o período histórico anterior e alguns outros períodos passados. Sem dúvida, as ditaduras militares perderam espaço na América Latina, mas as razões desse processo são mais complexas e os supostos valores democráticos, são, no máximo, um fortalecimento do mercado, do individualismo e da mercantilização, muito mais do que novos valores que apontassem para uma maior “democracia”, mesmo que formal, representativa.

Ao discutir a emergência da sociedade global e a manutenção das sociedades nacionais, explica esse processo através de uma suposta resistência e busca em manter a identidade local. A questão da exploração internacional e da luta de classes não existe, apenas se reproduz o discurso da identidade e da manutenção do global e do local.

O autor, finalmente, coloca uma das primeiras características do capitalismo neoliberal, que é o aumento da pobreza e das desigualdades internacionais. Também cita os 150 milhões de pessoas desempregadas e 750 milhões no trabalho informal, 30% da população mundial. E remete para outras consequências desse processo: crime global, turismo sexual, tráfico de mulheres, trabalho forçado e trabalho infantil.

Quando vai tratar da resistência, cita parte do problema: ONGs e sindicatos, que são produtos (inclusive sendo, na maioria dos casos, financiados pelo Estado e grandes empresas transnacionais). Ou seja, o autor trabalha apenas com o mundo da pseudoconcreticidade, não sai da superfície dos problemas.

Em síntese, o livro de Alexandre Barbosa não contribui com a compreensão da globalização. A ideologia da globalização nem sequer aparece como objeto de análise,

pois ela é tida como verdadeira e se manifesta como posição do autor do livro o tempo todo. A nova fase do capitalismo, marcado pela emergência do regime de acumulação integral, e suas consequências, também não aparecem. O que aparece é, por um lado, o uso constante de uma palavra, globalização, que é mal definida e que serve para explicar tudo, sendo confundida com internacionalização, algo que existe desde o surgimento do capitalismo e, por outro, uma proliferação de informações díspares e cuja explicação não acontece. As diversas informações existentes sobre a realidade recente são apresentadas e sempre acompanhadas da palavra globalização, mas a razão de ser e a gênese de tais processos nunca aparecem. Na falta da explicação, aparece a palavra globalização. Essa palavra mágica é o começo e o fim do livro e é a fonte de toda a mistificação do livro. Retirando essa palavra, teríamos um discurso descritivo de aspectos das mudanças sociais e históricas e nada mais. O livro mostra, portanto, o “espírito da época”, na qual reina uma ideologia, a ideologia da globalização, já denunciada sob formas diferentes (Bauman, Bourdieu, Vergopoulos, Hirst, etc.) e que semantém forte, pois as ideias dominantes são as ideias da classe dominante, como já dizia Marx.

Nildo Viana

Professor da Faculdade de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Goiás; Doutor em
Sociologia pela UnB - Universidade de Brasília.